

O ensino e aprendizagem híbrido em curso de extensão de instrumento/canto na visão dos estudantes

*Izabella Raiane Ferreira de Sousa
Universidade Federal da Paraíba
izabellaraianecz@hotmail.com*

*Marcos da Rosa Garcia
Universidade Federal da Paraíba
marcos-rosa@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho é fruto de um plano da atividade de iniciação científica: “O ensino e aprendizagem híbrido em curso de extensão de instrumento/canto na visão dos estudantes” PIBIC-UFPB-CNPQ e faz parte do projeto de pesquisa “Educação musical híbrida em curso de extensão de instrumento/canto” submetido ao Programa Institucional de Iniciação Científica, através do EDITAL 02/2019/PROPESQ SELEÇÃO DE PROJETOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 2019/2020. Aqui focamos no contexto do curso híbrido de extensão em violão ofertado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia e Educação Musical (TEDUM), com objetivo principal de apresentar e analisar a visão dos alunos sobre o curso: seus aprendizados e considerações a respeito da proposta híbrida. Esse texto apresenta características e metodologias relacionados à pesquisa qualitativa de modo que foram realizadas observações das aulas e dos alunos, e entrevista semiestruturada com os sujeitos. Com base nesses dados concluímos que os alunos mantiveram uma predileção pela modalidade presencial, considerando suas experiências e desejos musicais diversos. De toda forma os alunos destacaram que as ferramentas do ensino híbrido foram significativas para o processo de aprendizagem de violão.

Palavras-chave: curso híbrido, tecnologias e educação musical, violão

Introdução

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Educação musical híbrida em curso de extensão de instrumento/canto” submetido ao Programa Institucional de Iniciação Científica, através do Edital 02/2016/PROPESQ. Tem como campo empírico um curso de extensão híbrido de instrumento/canto dos cursos de extensão desenvolvido pela equipe de extensão (bolsistas PROLICEN, voluntários - pesquisadores, estudantes da graduação, mestrado) de Agosto de 2019 até Julho de 2020. Trata-se de um curso de extensão híbrido de instrumento/canto, realizado via videoconferência (parte *online*) e na Universidade Federal da Paraíba (parte presencial). Esse plano de artigo foca na perspectiva dos estudantes acerca do curso, com ênfase no processo de ensino-aprendizagem híbrido, observando as práticas de construção de conhecimento, perspectivas e resultados.

O tema se insere no campo da educação híbrida que estuda novas construções (metodológicas, temáticas, relações interpessoais) que perpassam o ensinar e aprender em

variados âmbitos. Baseando-se em uma aprendizagem onde há total interação dos envolvidos, através de uma comunidade de investigação onde todos são capazes de construir e compartilhar o aprendizado coletivamente. Os objetivos sobre nossa atuação no projeto foram: realizar e transcrever as entrevistas semiestruturadas com os alunos, além de realizar estudos sobre pesquisa qualitativa, entrevistas semiestruturadas, construção de roteiro de entrevistas, categorização de dados qualitativos e análise dos dados a partir das categorizações temáticas surgidas em campo.

O processo de ensino-aprendizagem perpassa variadas metodologias, estratégias de ensino, contextos formais e não-formais, faixas etárias e temáticas diversas. Dessa forma o curso híbrido tem proporcionado novas técnicas, meios e recursos uma vez que os resultados podem contribuir para novas perspectivas de ensino e aprendizagem musical considerando esse contexto híbrido, que relaciona processos metodológicos e configura diferentes maneiras de ensinar e aprender na sociedade contemporânea.

Revisão bibliográfica e metodologia

Na fase de planejamento da pesquisa, foram realizados estudos e discussões coletivas sobre termos norteadores para essa pesquisa como: educação híbrida (BACICH, MORAN, 2015), (VALENTE, 2014), (STAKER, HORN, 2012); pesquisa qualitativa (MINAYO, 2009), entrevista semiestruturada e entrevista coletiva (BONI, QUARESMA, 2005). Como nossa primeira experiência no âmbito de pesquisa, tivemos que nos aprofundar nos aspectos da metodologia, afinal é preciso estar preparado antes de entrar em campo. A reflexão sobre a observação foi algo que nos marcou bastante, visto que na pesquisa, “observar” têm um sentido mais amplo. Como afirma Boni e Quaresma, “a observação faz com que o pesquisador tenha um contato mais direto com a realidade” (2015, p. 71). Através dessa experiência, passamos a ter um olhar mais clínico e reflexivo sobre os comportamentos e vivências.

Quanto às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), essas se inserem em vários contextos além do educacional. As trocas de informações acontecem cada vez mais velozes e simultâneas, fazendo com que o significado de distância se reconfigure, e tenha um sentido mais amplo. Os avanços tecnológicos e o surgimento crescente de ferramentas educacionais *online*, possibilitaram o *e-learning*, uma nova modalidade da Educação a Distância (EAD).

O *e-learning* pode ser dividido em duas maneiras: comunicação síncrona (quando os participantes estabelecem uma comunicação simultânea no mesmo ambiente, com datas de encontros pré-estabelecidas), e comunicação assíncrona (quando os participantes não estão em aula ao mesmo tempo, ou seja, o aluno participa quando lhe for mais conveniente). Apesar de ser pouco discutido ainda no contexto da educação musical, se comparado aos estudos sobre o ensino tradicional presencial, o *e-learning* perpassa o ensino a distância, diferenciando-se de “complemento”, e estabelecendo um protagonismo efetivo no processo de ensino-aprendizagem na modalidade EAD. Segundo Valente (2014, p. 83), o *e-learning* é uma nova maneira de EAD que utiliza as TDIC como mediadoras. Ademais ele afirma que a literatura internacional utiliza outros termos como: “*web-based education, on-line education, virtual classroom, distributed learning, etc*”

O processo de ensino-aprendizagem acontece de forma fluida, por isso, integralizada. O ensino híbrido ou *Blended Learning* apesar de ser discutido mais frequentemente no cenário atual devido aos avanços tecnológicos (e contexto de pandemia, frente a possibilidade de o retorno ao espaços escolares), já é uma realidade na qual estamos inseridos há bastante tempo. Staker e Horn (2012) definem ensino híbrido, ou *blended learning*, como um programa de educação formal que mescla momentos de aprendizagens mediadas por recursos on-line, e momentos de aprendizagem em uma sala de aula na qual os alunos podem interagir com outros participantes. O processo de ensino-aprendizagem não se resume apenas à um tipo de metodologia ou espaço, há uma fusão entre ambiente físico de sala de aula, o ambiente virtual de aprendizagem, além das aprendizagens empíricas. Segundo Bacich e Moran,

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Agora esse processo, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo (2015, p. 1).

Apesar dos desafios da contemporaneidade em relação à quantidade de informações no universo digital, as opções de ferramentas e recursos tecnológicos têm crescido significativamente, gerando diversas possibilidades de ensinar e aprender. A utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) oferece uma grande variedade de possibilidades. O aluno, por sua vez terá que filtrar essas informações, tendo em vista a sua autonomia, responsabilidade e interesses.

Sobre pesquisa qualitativa, essa busca compreender de forma mais ampla e profunda os indivíduos, suas experiências e trajetórias, ou seja, não se resume a dados numéricos quantitativos. Mas leva-se em consideração os aspectos subjetivos como: características particulares, motivações, experiências.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (DESLANDES, ROMEU, MINAYO, 2009, p.21).

Dentro da pesquisa qualitativa, encontram-se várias técnicas de coleta de dados, nesta pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada. Para a realização da entrevista foi necessário passar por algumas etapas de preparação, além da observação como fator significativo. Foi necessário pensar nos objetivos a serem alcançados, organizar um roteiro de questões que tenha como foco entender aspectos subjetivos dos entrevistados, e refletir sobre as questões da entrevista para que a pergunta não seja inadequada. “Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrarias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas” (BONI, QUARESMA, 2005, p.72).

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas

ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI, QUARESMA, 2005, p. 75).

A entrevista foi realizada de forma coletiva na última aula do curso, com a participação de seis alunos e teve a duração de 34 minutos. Para a sua realização foi organizado um roteiro com quinze questões pertinentes à visão dos alunos sobre o curso realizado. O roteiro foi definido com base nas observações das aulas, buscando compreender os aspectos relacionados não só ao desenvolvimento do conhecimento sobre o violão, mas também sobre a relação com a modalidade do curso. Dessa forma, focamos em tratar de questões subjetivas para compreender interesses, potencialidades e dificuldades da turma em relação ao curso híbrido. Outro participante do TEDUM (Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia e Educação Musical) também fez uma pergunta para os alunos. A entrevista foi gravada em vídeo, com o consentimento de todos, com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para facilitar a transcrição e análise dos dados coletados. Não foi realizado pré-teste para a entrevista, porém as questões foram previamente discutidas coletivamente pelos participantes do grupo de pesquisa TEDUM para melhor eficiência de coleta de dados.

Durante a entrevista foram levantados alguns pontos relevantes para discussão sobre essa modalidade de ensino, pensada no contexto do curso híbrido de violão, de acordo com as perspectivas dos participantes dessa pesquisa. Neste artigo as informações coletadas e a partir das falas dos alunos foram organizadas e narradas seguindo as categorias:

- Aulas Presenciais
- Aulas Virtuais Síncronas e Assíncronas
- Pontos Positivos e Negativos
- Considerações sobre os professores e colegas da turma

Os dados foram transcritos e em seguida categorizados em uma planilha e analisados coletivamente pelos integrantes do grupo. Durante o processo de transcrição a utilização do vídeo me auxiliou muito no entendimento de algumas palavras, com base nas expressões e movimentos. A utilização do vídeo nesse caso, foi bem significativa inclusive para observar e analisar aspectos sobre minha atuação como pesquisadora.

Lembramos ainda que o curso híbrido de violão teve duração 10 aulas sendo divididas entre aulas presenciais e aulas virtuais (síncronas e assíncronas), como apresentado no quadro 1. Todas as observações em campo foram realizadas presencialmente, juntamente com a utilização de um diário de campo para coleta de dados. As aulas presenciais e por Skype foram observadas na íntegra de modo que os pesquisadores autores do artigo estavam presentes no mesmo ambiente físico (sala de aula), juntamente aos professores que ministravam o curso. Logo, foram observadas as aulas por Skype ao tempo que as mesmas ocorriam e ao lado do professor ministrante utilizando computador pessoal e ao tempo que assistia seus alunos através da tela. A seguir analisamos e apresentamos os dados coletados a partir das observações das aulas e da fala dos alunos.

Quadro 1: Cronograma das aulas do curso híbrido.

Aula 1	21.10	Aula presencial
Aula 2		Plataforma online (site)
Aula 3	28.10	Aula presencial
Aula 4	04.11	Videoconferência
Aula 5	11.11	Aula presencial
Aula 6		Plataforma online (site)
Aula 7	18.11	Videoconferência
Aula 8		Plataforma online (site)
Aula 9	25.11	Aula presencial
Aula 10	09.12	Aula presencial

O curso híbrido de violão pela ótica dos alunos entrevistados

Apesar dos alunos concordarem com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), decidimos não utilizar seus nomes neste trabalho para não expor os pensamentos coletados durante a entrevista e preservar a identidade dos participantes. Para identificá-los utilizamos a letra “A” seguida de uma numeração a fim de facilitar a identificação. Exemplo: A.1, A.2, A.3 (aluno 1, aluno 2, aluno 3) e assim por diante. A seguir discutiremos alguns pontos principais encontrados nas falas dos sujeitos.

Uma das primeiras perguntas da entrevista foi sobre o motivo pelo qual procuraram um curso de extensão híbrido. Através dessa pergunta foi possível explicar sobre as motivações e objetivos dos alunos em relação a esse curso. As respostas foram bem diversificadas, e as justificativas eram diferentes. Uma aluna relatou o interesse pelo curso em virtude de ser um projeto de extensão da universidade, e por não haver custo financeiro. Outra aluna relatou ter se interessado pelo curso porque ela já cantava e pretendia compor músicas, por isso sentiu a necessidade de aprender um instrumento que auxiliasse no desenvolvimento de suas composições.

A.1: Eu tinha muita vontade de aprender a tocar violão e eu achei uma ótima oportunidade, muito mais por ser um projeto de extensão da universidade, não tem que desembolsar um valor (TEDUM, 2019).

A.4: Eu canto, não é profissionalmente, mas faz muito tempo. Esse ano eu tive uma experiência interessante com um amigo meu que é produtor, sempre tive muita vontade de compor, e tinha essa travada, porquê? Porque eu não toco nenhum instrumento. [...] eu vi como era importante saber tocar um instrumento, porque ninguém conseguia entender o que eu queria colocar (TEDUM, 2019).

Um outro aspecto levantado pelos alunos foi a acessibilidade, na qual criava-se uma relação direta com a modalidade do curso, por ser um ensino híbrido facilitava o acesso às aulas. Nesse sentido, esse aspecto estava relacionando os conceitos de administração de espaço e do tempo. Um aluno relatou que em sua região é difícil encontrar professores de violão. Foi dito por outra aluna, que o curso híbrido facilitou a conciliação das aulas com seus horários de estudo, já que o aluno possui maior autonomia na organização dos horários. Perguntados se eles já haviam participado anteriormente de algum curso virtual, ou semi-presencial, que realizasse aulas *online* e se a razão de ser híbrido influenciou no interesse pelo curso os alunos argumentaram que já participaram de outros cursos *online*, mas enfrentaram dificuldades a respeito da didática de professores, e na autoadministração do tempo e dos conteúdos. A pouca experiência com esse formato de curso também influenciou na maneira como os alunos desempenharam as atividades.

A.5: No meu caso eu desejava aprender violão a algum tempo, mas comecei a aprender e desisti. Como é um curso híbrido, então facilitou minha vida porque nem todos os encontros foram presenciais. Encontros de casa fica mais fácil, e na correria do dia a dia também, pra você conciliar o curso presencial é um pouco mais complicado (TEDUM, 2019).

A.2: Bem, eu escolhi entrar no curso, porque queria me aprimorar mais um pouco, onde eu moro é interior, professor de violão por lá é bem difícil mesmo, aí quando abriu essa vaga a primeira coisa que eu fiz: “não! não posso perder e tô gostando mesmo!” (TEDUM, 2019).

Em relação às aulas presenciais, os alunos comentaram na entrevista que o ensino presencial foi realizado de forma “musicalizada”, ou seja, aprendizagem através da experimentação, na qual os alunos puderam aprender os conteúdos de forma aplicada diretamente no instrumento e as músicas. Também foi observado pelos alunos, que em alguns momentos das aulas presenciais a turma era dividida em pequenos grupos, onde integrava todos os alunos de forma coletiva, tendo em vista as experiências e o tempo de aprendizagem de cada um. Dessa forma, quando um aluno faltava a aula, ou chegava atrasado, ele não ficava fora do contexto, por exemplo: um dos professores auxiliava na afinação do violão e o integrava dentro do conteúdo inserindo-o em algum desses grupos. Sendo assim, era possível dividir a turma em grupos com funções distintas, onde todos trabalhavam de acordo com o seu nível técnico. Os alunos sugeriram que houvesse mais aulas presenciais e assim verificou-se uma predileção unânime por essa modalidade.

Ainda durante a entrevista, os alunos disseram ter enfrentado dificuldades no que se refere às aulas virtuais. Houve pouca interação em fóruns, pouca participação no site criado pelos integrantes do TEDUM, e durante as aulas síncronas houve alguns problemas de conexão. Por outro lado, os alunos argumentaram que os vídeos de revisão das aulas disponibilizados na plataforma do curso auxiliaram na aprendizagem, pois poderia ser acessado sempre que o aluno quisesse. Em outras palavras notamos um indício que a parte assíncrona teve uma função não necessariamente da participação nos fóruns, mas teve uma utilização na hora de estudar e aprender. A seguir alunos relatam problemas em relação a plataforma do Skype.

A.4: [...] eu literalmente não gostei do Skype, não funciona. Não funcionou pra mim. Não gostei. Tinha a coisa da conexão, desconcentra mesmo, muito né. Com todo o esforço, porque os meninos [professores] tem super o gingado da coisa né, mas eu... é meio assim, é meio frustrante, eu fiquei um pouco frustrada com a aula do skype porque desconcentra muito (TEDUM, 2019).

A.1: Eu gostei mais do presencial porque realmente eu me desconcentrei muito mais na primeira aula que eu tava em casa. [...] o dia inteiro do trabalho, chega em casa, daí já dá vontade de ir num negócio, de ajeitar um negócio alí (TEDUM, 2019).

A.4: [...] então acho que os vídeos explicativos das revisões achei show de bola. Quando você chega em casa, mesmo tendo anotado, esquece [dos assuntos dados]. Então eu ia e via os meninos falando como... “Ahh lembrei!” As vezes na segunda frase do professor eu “eita peguei!” [batendo as mãos]. Então os vídeos explicativos, pra mim, foram preciosíssimos e tudo o que tinha lá de material eu achei massa. A única coisa que literalmente eu não gostei foi o Skype (TEDUM, 2019).

Considerações sobre os professores e colegas da turma

Durante as aulas os alunos mantiveram uma boa convivência, estavam sempre interagindo um com o outro, compartilhando experiências e dificuldades. As aulas eram descontraídas e estimulavam a participação e interação coletiva no processo de aprendizagem. No período de observação foi possível perceber o modo como o ensino coletivo proporcionou experiências válidas para a aprendizagem. Durante a prática de exercícios no violão, os alunos se observavam, ficavam analisando a forma como o colega fazia a digitação no instrumento, e procuravam atentar-se para o que o professor explicava enquanto ele reproduzia o conteúdo no seu próprio instrumento. Esse diálogo entre as práticas reflete na compreensão dos conteúdos de forma intercambiada.

No que se refere à atuação docente, os alunos ressaltaram a importância dos professores na prática de ensino e aprendizado, evidenciando a atenciosidade para com os alunos, práticas pedagógicas direcionadas à resolução de dificuldades e o sentimento de respeito quanto ao processo de aprendizagem, no qual considerava-se as experiências e o tempo de aprendizagem de cada aluno.

A.2: É! O melhor é que eles [professores] têm atenção né, tipo... você... caramba eu não sabia de nada, aí chega: “ó o dedinho aqui ó”. E tem professor que: “Ó, é assim ó! Te vira.” [movimentando as mãos]. Tem que ter atenção, calma entendeu? Porque se fosse eu ensinando, arrancava logo a cabeça do aluno, e ia embora [risos]. Mas o legal é isso, é atenção (TEDUM, 2019) ...

A.1: [...] eu achei bem pedagógico, bem direcionado às dificuldades, tipo, eu não revisei as aulas e ultimamente tô bem distante desse processo, por mais legal que fosse, mas tipo, tem pessoas que tão aqui desde o começo, e cada um tem suas dificuldades, e cada um foi agrupado por um dos professores pra

ter essas dificuldades sanadas né. Isso eu achei muito legal. Que tipo, no vídeo que eu participei com o Silvio [professor] mesmo, eu fiquei constrangida porque eu tava atrasada, e a outra menina tava super desenrolada, eu falei: “eu tô atrapalhando ela”. Tanto que eu tinha um compromisso no momento da reunião, mas eu saí antes porque eu fiquei constrangida. E daí aqui não [referindo-se as aulas presenciais]. Aqui eu fui pro cantinho alí [apontando para o lado na sala de aula], tinha o grupo das meninas aqui, o outro grupo aqui fazendo outra música, então isso eu gostei muito. Eu me senti muito respeitada enquanto ao processo de aprendizagem (TEDUM, 2019).

Considerações finais

A partir das entrevistas conclui-se que os alunos mantiveram uma predileção pela modalidade presencial. Gostaram da estruturação do curso, mas enfrentaram algumas dificuldades no que se refere ao âmbito virtual. Mesmo assim os vídeos de revisão de conteúdos/exercícios/materiais que eram disponibilizados na plataforma on-line pelos professores foram destacados pelos alunos como “importantes” para o seu processo de aprendizagem. De forma geral, percebi que alguns alunos não realizaram todas as atividades do curso híbrido, focando apenas nas aulas presenciais, e por isso, não tiveram um bom aproveitamento das ferramentas que essa modalidade pode oferecer. A participação em fóruns não aconteceu, durante as reuniões do grupo de pesquisa refletimos sobre possibilidades para resolver esse aspecto em uma futura experiência.

Destacam-se aqui alguns pontos positivos e negativos sobre o curso híbrido na visão dos estudantes, mas que ultrapassam as dimensões deste artigo e serão aqui somente pontuadas para retorno com mais profundidade em trabalhos futuros. Entre os aspectos positivos foram citados: 1) custo zero; 2) viabilidade de acesso ao curso associado a conciliação com a rotina; 3) flexibilidade em assistir as aulas em casa; 4) resumo das aulas em vídeos facilitando a memorização dos conteúdos, didática dos professores; 5) materiais adequados de acordo com as necessidades dos alunos; 6) descontração nas aulas mantendo motivação e estímulo para o aprendizado. Por outro lado, foram apresentados os seguintes aspectos negativos: 1) mal funcionamento da plataforma no aparelho celular; 2) problemas de conexão de internet, 3) dificuldade em afinar o violão nas aulas síncronas via skype; 4) dificuldade no posicionamento da câmera do celular e no seu ângulo; 5) falta de clareza sobre o funcionamento das atividades virtuais. De forma geral, as informações apresentadas perpassam dimensões técnicas, interpessoais e subjetivas.

Os alunos reagiram positivamente sobre o curso, e conseguiram desenvolver um bom trabalho musical. Ao final do curso foi realizado um recital, no qual puderam apresentar os conteúdos e repertórios trabalhados de uma forma festiva. Esse recital de conclusão ocorreu presencialmente na UFPB, mas teve transmissão ao vivo via redes sociais e depois foi disponibilizado nas plataformas.

Refletindo sobre nossa primeira atuação em um grupo de pesquisa, sobretudo no processo de uma pesquisa desde o planejamento até a conclusão do relatório final, entendemos que a aprendizagem ocorre de forma multifacetada, ou seja, são múltiplos conhecimentos que vão sendo adquiridos através de leituras, observações, reflexões, experiências e práticas. Pensando sobre a nossa formação acadêmica, haviam diversas

curiosidades e preocupações a respeito do âmbito científico. Ao participar dessa pesquisa desde o processo inicial, pude vivenciar experiências que eu só conhecia até então através de leituras, mas não entendia o funcionamento na prática, especialmente no que se refere a metodologia. O curso híbrido contribuiu não apenas para nossa formação acadêmica como discente de um curso de graduação em música, como também influenciou diretamente nossa prática como docente. Durante o curso híbrido podemos observar as aulas e refletir como isso poderia ser reproduzido em quando fosse atuar como docente e ministrar aulas de instrumento. Após essas reflexões começamos a dar aulas particulares *online*, e foi possível vivenciar diretamente as experiências e desafios encontrados nessa modalidade.

Referências

BACICH, L.; MORAN, J. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. Revista Pátio, nº 25, junho, 2015, p. 45-47.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>. Acesso em: 30 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

CAMILLO, Cíntia Moralles. *Blended learning*: uma proposta para o ensino híbrido. **EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, Dourados, v. 5, n. 7, p. 64-74, dez. 2017. ISSN 2318-4051. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/6660/4062>>. Acesso em: 30 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.30612/eadtde.v5i7.6660>.

DESLANDES, Suely Ferreira; ROMEU, Gome; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TEDUM. Entrevista realizada com alunos do curso híbrido. Gravada digitalmente e transcrita por aluna Izabella R. F. de Sousa. João Pessoa, Dez. 2019.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Editora UFPR. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.38645>.